

A fotografia na feira: entre olhares, fatos e experiências compartilhadas

Maria Catarina Chitolina ZANINI

Silvana Silva de OLIVEIRA

Daniele Palma CIELO

Uma breve apresentação da pesquisa

Este artigo tem por objetivo apresentar nossa experiência com a produção e uso de imagens fotográficas em etnografias realizadas no Feirão Colonial de Santa Maria, RS. O “Feirão”, como é denominado, acontece durante todas as manhãs de sábado no *Centro* de Referência de *Economia Solidária Dom Ivo* Lorscheiter, espaço pertencente ao Projeto Esperança/Cooesperança, que tem relação direta com a Arquidiocese de Santa Maria, vinculada à Igreja Católica.

As experiências etnográficas aqui apresentadas são fruto de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”, sob coordenação de Maria Catarina Chitolina Zanini, vigente desde 2011¹. Este projeto estudou e acompanhou a dinâmica de várias feiras na cidade, sempre fazendo uso de registros visuais como instrumento de pesquisa e também de interação com os feirantes e as interfaces da feira. Desta forma, consideramos importante elaborar, de forma compilada nesse artigo, uma curta apresentação de como

1 O projeto de pesquisa foi financiado pela Capes/CNPq no edital MCTI/CNPq /SPM-PR/MDA N.32/2012, ao qual agradecemos.

se processou a introdução da captura de imagens e como o uso da técnica nos abriu portas no transcorrer das pesquisas.

Este artigo apresenta, desta forma, a interação particular das pesquisadoras com o universo das feiras, bem como reflexões mais amplas, elaboradas na equipe do projeto maior. Transitaremos entre reflexões mais autorais e outras mais coletivas. E as imagens, embora sejam autorais, foram conduzidas pelas perguntas do projeto e seu andamento. São assim, elas também, possibilidades interpretativas e narrativas do “outro” e o que dele nos permitimos conhecer por meio de nossos recortes epistemológicos e espaço/temporais. E, desde já salientamos que esta é por nós considerada uma das grandes riquezas do uso de acervos visuais nas pesquisas. E também a maior de suas limitações. Enfim, desafios.

O uso da fotografia na pesquisa: uma breve introdução

A fotografia pode ser um elemento complementar do texto antropológico escrito e sua possibilidade narrativa do “outro”. Desde a experiência de Margaret Mead e Bateson (Samain, 1995; Freire, 2006) com o uso de imagens, pode-se dizer que alguma poesia foi inserida neste casamento entre escrita e cotidianidade permitida pela captura de imagens e a possibilidade ali cristalizada de tempo e espaço, mesmo que de forma ilusória e autocentrada por vezes. Limites entre o racionalmente narrável e aquilo que ainda sempre mais poderia ser dito acerca do vivido. Hoje, o ato de fotografar tem um significado distinto daquele que tinha em circunstâncias passadas, em que os ateliês fotográficos eram considerados casas de mágicas e permitido a poucos (SONTAG, 1977; PEREIRA, 2008).

Na Antropologia, o uso da fotografia vinha sendo explorado como recurso de pesquisa, o que é perceptível na obra de Malinowski (1984), na qual as fotos representam o encontro entre o pesquisador e o “nativo”. Contudo, o uso de fotos era reportado como tentativa

de exibir o exótico, servindo mais como um elemento ilustrativo do que um instrumento de interação e troca na observação participante. Nesse sentido, as imagens faziam parte dos anexos dos antropólogos sobre povos distantes, de modo que as fotografias não integravam o corpo do texto etnográfico com vistas à construção de uma narrativa. Nas palavras de Godolphim, as “imagens não eram articuladas de forma a participarem do texto” (GODOLPHIM, 1995, p. 162).

Na contemporaneidade, porém, o uso da câmera fotográfica popularizou-se, de tal forma que se tornou acessível também para aqueles que não são profissionais na arte de fotografar. Desse modo, com a inserção da câmera digital na pesquisa antropológica, a utilização da imagem passou a ser tanto objeto de preocupações éticas quanto recurso de obtenção de narrativa visual e de um melhor conhecimento do “outro”. Tendo isso em vista, autores como Samain (1994, 1995, 2007) e Godolphim (1995) salientam em seus trabalhos como as fotografias guardam memórias e expressam estilos de vida. Segundo Martins (2011, p. 10), “o visual se torna cada vez mais documento e instrumento indispensáveis na leitura sociológica dos fatos e fenômenos sociais”. E em nossa pesquisa podemos, dia após dia, verificar a importância disto e o impacto que uma boa galeria de imagens produz nas análises, principalmente de pesquisas como a das feiras que começou em 2011 e ainda está em andamento. As feiras são espaços vivos, dinâmicos, interativos, complexos e repletos de vida. O que a captura de imagens nos possibilitou foi, de certa forma, mapear este universo ainda pouco estudado em que muitas economias e capitais se processavam.

Ao longo da pesquisa consideramos muito importante também utilizar as imagens como elemento de interação na devolução do material visual, estimulando a relação com o grupo e também o diálogo a respeito do material, prática já usual em etnografias. O que de fato ocorreu num segundo momento, quando chegamos para

entregar fotos impressas para os feirantes, que de uma forma geral ficaram surpresos e ampliaram nossas possibilidades de interação e de diálogo².

No trabalho de campo realizado nas feiras de Santa Maria, a apropriação da fotografia auxiliou na construção de narrativas e percepções de significados acerca dos diversos tipos de sociabilidade que permeiam as relações sociais ali expressas, sejam as mercantis ou as não mercantis. Além disso, as fotografias contribuíram para a aproximação com o grupo pesquisado, que visualiza nas imagens impressas ou digitalizadas a concretude de sua atividade de feirantes. A recepção das imagens por parte dos feirantes foi, sem dúvida, um grande exercício reflexivo, seja para nós pesquisadoras ou para eles, que ali se viam no exercício de suas atividades. E, como falamos de pessoas em interação e de seres humanos em expressão de si mesmos, o que o uso das imagens nos possibilitou foi o ingresso numa certa praticidade da vida na feira bem como no poético que ali habita também: o uso dos espaços, do tempo, das cores, das disposições e de seres humanos lutando pela sobrevivência e para ocupar com dignidade seu lugar no mundo do trabalho. E as imagens nos possibilitaram isto com muita sensibilidade. A sensibilidade de poder observar e ser observado e o resultado disto ali, expresso em imagens como possibilidades de narrativas situadas no tempo e no espaço. Que ali, naquele momento, foi um tempo compartilhado. O do fotógrafo e do fotografado. E compreendemos que ambos estão impressos de formas diversas nas imagens capturadas. O olhar de um e o “ser” (feirante) do outro.

2 Para Godolphim, aliada à perspectiva descritiva da etnografia: “As fotos não só podem ajudar na descrição, como podem de fato reconstruir o “clima” das situações vivenciadas nas cores que ela se apresentava, criar um ambiente de verossimilhança e por conseguinte de persuasão. As imagens não se deveriam mais se limitar a “reviver” um estar lá, mas sedimentar alicerces do caminho da descrição interpretativa e auxiliar na articulação das tramas da indução, ajudar na compreensão das interpretações, e não apenas distrair a atenção do leitor entre o folhear das páginas. Nessa perspectiva, a imagem não meramente ilustra o texto, nem o texto apenas explica a imagem, ambos se complementam, concorrem para propiciar uma reflexão sobre os temas em questão (GODOLPHIM, 1995, p.131)”.

O uso da fotografia no início da pesquisa: algumas considerações

A experiência em utilizar máquina fotográfica para realizar pesquisa etnográfica foi muito proveitosa, pois ajudou no estabelecimento de uma relação de confiança e intimidade entre pesquisadoras e pesquisados. Embora a aplicação de questionários no início da pesquisa tenha auxiliado a obter maiores conhecimentos sobre os feirantes, abarcando questões como geração, etnia, escolaridade, tamanho das propriedades rurais e local de moradia, foi com o ingresso da fotografia que se estabeleceu uma relação de trocas significativas. Éramos nós, as pesquisadoras e eles, os pesquisados e nas imagens isto se mesclava no tempo e espaço ali registrados. Era nosso olhar de fotógrafas neófitas e eles, trabalhadores experientes na luta pela sobrevivência via feira. Estes encontros foram documentados e, para nós, olhar estas fotografias é também sempre fonte de muita satisfação e aprendizado. Enfim, construímos memórias nas pesquisas. E este exercício faz com que nunca saíamos de um campo de estudo da mesma forma que entramos. Éramos já outros. E as fotografias dialogam com este processo de produção de conhecimento.

No ano de 2013 teve início a pesquisa etnográfica no Feirão Colonial em Santa Maria, Rio Grande do Sul.³ Desse modo, fui a primeira pesquisadora a iniciar etnografia no Feirão, que ocorreu por meio de diferentes formas de aproximação com os feirantes⁴. Apesar disso, acredito que a maneira mais eficaz de contato tenha ocorrido por

3 Pesquisa etnográfica resultou na dissertação de mestrado em Ciências Sociais intitulada “Pegando feira”: Trocas, Reciprocidade e Mercado no Feirão Colonial em Santa Maria, RS”, bem como integrou o projeto denominado “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”, defendida em 2015.

4 Narrativa da experiência em campo da pesquisadora Silvana Silva de Oliveira. Salienta-se, como já assinalamos no início do artigo, que, ao longo deste texto, é empregada tanto a primeira pessoa do singular quanto a primeira pessoa do plural, pois algumas das reflexões foram realizadas em conjunto e outras expõem narrativas mais pessoais sobre a inserção da fotografia na pesquisa – método muito utilizado na perspectiva antropológica.

meio do uso da máquina fotográfica, momento no qual eu já contava com a presença de outra pesquisadora do projeto,⁵ Maria Rita Py Dutra, para a realização da pesquisa.

Inicialmente, frequentava a feira como consumidora. Em seguida, com a aplicação de questionários abertos para o projeto “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”, passei a me apresentar como estudante da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Com a inserção de Maria Rita em campo, começamos a circular pelas bancas e a conversar mais detalhadamente com cada feirante. Nessa etapa, como minha timidez acabava sendo um obstáculo à nova interação propiciada pela pesquisa, inspirada por outras pesquisas etnográficas, passei a levar junto em nosso percurso uma máquina fotográfica. Desde então, como mencionado, a aproximação com os feirantes se tornou mais eficaz, porque a fotografia permitiu uma interação menos informal, permeada de trocas e alguma jocosidade. Nesse sentido, muitas vezes, enviava as fotos ali registradas para os feirantes e, em contrapartida, recebia como agradecimento produtos destes, como alface, tomate e chuchu. Relação esta sempre permeada pela reciprocidade dos saberes ali reconhecidos. Eu, uma fotógrafa neófito e eles, trabalhadores da terra.

Por conseguinte, no momento em que passei a levar a máquina fotográfica comigo, esta ajudou a “quebrar o gelo” da interação, servindo como uma forma de iniciar a conversa com diversos feirantes. Alguns ficavam curiosos com a presença da câmera, enquanto outros gostavam de ser fotografados. Logo, a observação passou a ser uma “observação itinerante nas bancas”. Acredito, dessa maneira, que a fotografia foi um elemento que facilitou nossa aceitação entre os feirantes, além de ter auxiliado na inserção de novos integrantes na

5 5 Mais adiante no texto será explicitado o porquê do uso do termo mais eficaz.

pesquisa, como Daniele Cielo, também bolsista do projeto, que passou, igualmente, a levar uma máquina fotográfica ao iniciar conosco a etnografia no Feirão.

No decorrer das observações em campo, contudo, a preocupação em não ser demasiadamente invasiva com os *flashes* da máquina fotográfica sempre esteve presente no ato de fotografar. Por esse motivo, sempre procurávamos, logo depois de cada “clique”, mostrar as imagens aos feirantes, ficando aliviadas ao receber sorrisos ou respostas como “que lindo!”. As imagens sempre foram efetuadas com o consentimento dos feirantes.

Ao chegar à Feira, nossa rotina era comprar um café de R\$ 0,75 em uma banca da área de alimentação, na qual também eram vendidos pastéis fritos na hora. Algumas vezes, comentávamos e discutíamos textos e pesquisas etnográficas antes de iniciarmos nosso percurso pelas bancas.



Figura 1- Imagens feitas em 2014 antes de iniciarmos nosso percurso pelas bancas. Na foto, com uma caneta na mão e um café ao lado, Daniele Cielo faz suas anotações.

Fonte: arquivo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”; fotos capturadas pela pesquisadora Silvana Oliveira

Após, circulávamos pelo pavilhão *hortifrúti*,⁶ conversávamos com algum feirante, perguntávamos sobre os produtos, comprávamos alguns e observávamos a interação com outros feirantes e fregueses. Dessa maneira, chegávamos às bancas e solicitávamos autorização para tirar algumas fotos dos produtos para a pesquisa sobre feiras. Foi assim que conseguimos observar de que maneira acontecia o cotidiano da Feira, de que forma o freguês chegava à banca ou de que modo o feirante abordava o consumidor, em que momento o feirante dava um desconto ou quando aumentava o preço de seu produto, isto é, as práticas e táticas empregadas pelos camponeses no momento da venda (OLIVEIRA, 2015). Assim, ficávamos atentas aos “imponderáveis da vida real” (com o auxílio da máquina fotográfica), pois, como expôs Malinowski (1984) em seu manual, uma boa etnografia buscaria a “carne e o sangue da vida nativa real que preencheriam o esqueleto vazio das construções abstratas” (MALINOWSKI, 1984, p. 29). E as imagens nos possibilitam, também, revisitar memórias e melhorar nosso diário de campo. Torna-se também um exercício reflexivo entre memória e a escrita etnográfica e seus desafios (CLIFFORD, 1998).

O uso da fotografia no decorrer da pesquisa: algumas considerações

O uso da fotografia foi fundamental também na minha⁷ inserção em campo. Notei tal importância desde o momento em que comecei a levar comigo a câmera fotográfica e que iniciamos o processo de pedir autorização para fotografar, “bater as fotos”, mostrar o resultado, assim como entregar fotos impressas a total diferença de relação que estabelecemos com os feirantes por meio do uso das imagens.

6 Denominação “nativa” para o espaço em que são comercializados produtos como verduras, frutas, hortaliças, legumes, ovos, entre outros.

7 Narrativa da experiência em campo da pesquisadora Daniele Palma Cielo.

Minha inserção na equipe do projeto se deu em meados do ano de 2013, quando a pesquisa no Feirão Colonial já havia sido iniciada pelas colegas Silvana Silva de Oliveira e Maria Rita Py Dutra. O que me apresentou certa dificuldade, uma vez que os questionários, que possibilitaram uma primeira interação pesquisadoras-pesquisados, já haviam sido aplicados e eu estava partindo do zero sem um primeiro contato que me possibilitasse maiores informações sobre os feirantes. Nesse sentido, a câmera funcionou como um instrumento simpático de aproximação.

Passado um mês do meu primeiro contato com os feirantes, passei a levar a câmera e começamos um contato mais próximo e dialógico. O que possibilitou que Silvana me apresentasse novamente aos feirantes e assim conversas mais longas fossem geradas e mantidas. Essa dinâmica colaborou para que eu conseguisse memorizar nomes, explicar um pouco mais da pesquisa, saber de qual localidade cada um procedia, saber mais sobre os produtos que vendiam, entre outras questões. Esta intimidade também é importante, pois nos possibilitava compreender um pouco da percepção dos feirantes sobre o espaço da feira e as hierarquias e classificações visuais e sociais que ali são geradas e mantidas.

Passado algum tempo, com algum material já acumulado conversamos entre nós sobre a possibilidade de entregar aos feirantes algumas fotos impressas, coisa que atualmente não é tão comum em se tratando de fotos. Além de ser um retorno do trabalho era também uma forma de agradecimento pelo espaço aberto e a possibilidade de diálogo estabelecido. O dia da entrega gerou algumas situações interessantes e ricas para reflexões metodológicas e de dinâmicas de reciprocidade. Logo após serem entregues em uma determinada banca no setor de hortifrutigranjeiros fomos interpeladas por um feirante sorridente que nos trazia uma sacola com alguns de seus produtos

como forma de agradecimento pelas fotos. Quase que a totalidades dos feirantes aos quais entregamos as fotos questionaram o valor monetário da foto. Explicávamos que era uma forma de agradecimento pela boa recepção para nossas atividades de pesquisa e para que conhecessem um pouco de nosso trabalho.

Ainda na primeira banca em que passamos para entregar algumas fotos:

*Pedro:*⁸ *Quanto custa?*

Silvana e Eu: *Não custa nada.*

Pedro: *Obrigado então. Se eu soubesse do que vocês gostam daria alguma coisa... (disse apontando para seus produtos)*

Silvana: *Não é necessário. Fica de presente para o senhor. (DIÁRIO DE CAMPO, 21-12-2013)*

A maior convivência nas bancas ou mesmo fora delas, mas ainda no ambiente da feira, possibilitou entendermos que a feira pode ser um espaço de mercado, uma vitrine para a produção semanal desses produtores rurais, um ponto de encontro, espaço de trocas, experiências e aprendizados entre os feirantes, mas também entre os feirantes e os demais que por ali circulam. A feira é também um espaço de vivência, de sociabilidade e trocas entre o mundo rural/urbano, o que nem sempre é fácil de ser abordado sabendo-se da estigmatização que o camponês sofre em nossa sociedade que tende a valorizar mais o *ethos* urbano do que o *ethos* camponês, ainda assentado em valores grupais e familiares considerados mais tradicionais (Zanini, 2015). Espaço importante também de troca entre produção de conhecimentos, como o acadêmico e o não acadêmico, por exemplo. Conhecemos muitas receitas culinárias, dicas sobre plantio e preparo de alimentos, sobre chás e ervas e uma infinidade de coisas que estão muito além do mundo acadêmico e seus recortes epistemológicos.

8 Optamos por nomes fictícios a fim de manter as identidades pessoais preservadas.

Compreendendo significados com imagens

Nosso acervo de fotografias permitiu observar mudanças ao longo do tempo na feira, bem como a percepção da maleabilidade de um espaço que é utilizado para uma multiplicidade de sociabilidades e trocas. A etnografia realizada entre 2013 até início de 2015 por Silvana Oliveira, sendo continuada por Daniele Palma Cielo ainda em 2016, a qual seguiu com o uso da fotografia na pesquisa possibilita fazermos observações no que diz respeito ao uso do espaço físico do Feirão Colonial. A Figura 2, exposta a seguir, permite observar como a feira era em sua parte externa no início de 2014, antes das reformulações e mudanças pelas quais passou, tais como ampliação do local e alteração do horário de funcionamento.



Figura 2- As quatro imagens retratam como era a entrada da feira no início de 2014. Atualmente, aconteceram algumas reformas, como a ampliação dos pavilhões, a entrada de novos feirantes e a substituição da placa que indica os horários de atendimento.

Fonte: arquivo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”; fotos capturadas pela pesquisadora Silvana Oliveira

Já na Figura 3, temos a configuração atual do espaço externo do Feirão, que ganhou uma cobertura extra na parte da frente dos

pavilhões, além de uma nova placa informativa. A cobertura, além de mudar o visual da fachada do prédio colabora para que alguns clientes possam estacionar os carros ali e não se molharem em dias de chuva, também auxilia os próprios feirantes que têm suas bancas próximas as portas e que no período do verão tinham o sol como incomodo no início da manhã. Além de ser um espaço coberto extra para o desenvolvimento das mais variadas atividades desenvolvidas no Feirão.



Figura 3 - As três imagens retratam como está em 2016 a chegada e fachada do Feirão, após a última ampliação.

Fonte: arquivo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”; fotos capturadas pela pesquisadora Daniele Cielo

A parte interna dos pavilhões também foi reformada e ampliada, reconfigurando-se assim o ambiente como um todo. Inclusive um segundo espaço destinado ao hortifrutigranjeiro foi possibilitado após a última ampliação.



Figura 4 - A imagem superior esquerda mostra o pavilhão do hortifrúti; a imagem superior direita permite visualizar a área de lazer; e a imagem inferior registra uma parte interna do pavilhão da agroindústria (todas configuram aspectos da feira no ano de 2014).
 Fonte: arquivo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”; fotos capturadas pela pesquisadora Silvana Oliveira



Figura 5 - A imagem superior esquerda mostra o espaço extra destinado ao hortifrutigranjeiro que agora ocupa mais de um pavilhão; a imagem superior direita permite visualizar a área de lazer com pouca alteração na configuração das bancas; e a imagem inferior registra uma parte interna do pavilhão da agroindústria (todas as imagens foram produzidas entre o ano de 2015 e 2016).
 Fonte: acervo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”; fotos capturadas pela pesquisadora Daniele Cielo

Ao longo do ano de 2014, houve um aumento de feirantes, sendo visíveis as mudanças na organização de espaço do Feirão. As fotografias permitem observar essas pequenas reconfigurações do local. A seguir, constam imagens registradas entre abril e setembro do referido ano, e dos anos seguintes 2015 e 2016.



Figura 6 - As duas primeiras fotos mostram o pavilhão hortifrutigranjeiro em abril de 2014, período em que as bancas contornavam o pavilhão, havendo um grande espaço para a circulação de pessoas. Já em setembro do mesmo ano, com a entrada de novos feirantes, algumas bancas passaram a ser colocadas no centro do pavilhão, como podemos observar na terceira imagem.

Fonte: arquivo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”;
fotos capturadas pela pesquisadora Silvana Oliveira)



Figura 7

A primeira foto superior a esquerda mostra o pavilhão hortifrutigranjeiro em 2016, agora com menos bancas que em 2014. A segunda foto superior a direita e terceira inferior mostra o espaço no qual foram realocados os feirantes que entraram no Feirão em meados de 2014.

Fonte: arquivo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”; fotos capturadas pela pesquisadora Daniele Cielo

É importante destacar que o Feirão não é apenas um ambiente de práticas de venda, também envolve lazer e sociabilidades diversas (ZANINI, 2015; OLIVEIRA et al 2015; ZANINI e FROELICH, 2015). Ao percorrer a Feira nos sábados pela manhã observava-se a circulação de algumas pessoas com o chimarrão, o encontro entre clientes conhecidos. Alguns desses momentos conseguimos captar com o uso periódico da fotografia. As feiras são, também, um espaço de economias diversas e paralelas, o que faz delas espaços políticos importantes também, o que ainda merece ser melhor estudado (vide ZANINI, 2015; VEDANA, 2004; VAZ SILVA, 2011; TEDESCO, 2013).



Figura 8 - As três imagens acima mostram alguns momentos corriqueiros vivenciados no Feirão Colonial em 2014.

Fonte: arquivo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”; fotos capturadas pela pesquisadora Silvana Oliveira

A utilização do espaço do Feirão se mostrou rico, diverso e dinâmico. A ressignificação e/ou adaptação dos espaços, seja em eventos paralelos ao Feirão Colonial, ou mesmo na ampliação e realocação de alguns feirantes ocorre sempre que necessário. Esta dinamicidade do uso do espaço esteve presente no dia-a-dia do Feirão ao longo de toda a pesquisa, fato que nos chamava a atenção. O que podemos observar na seqüência de imagens abaixo:



Figura 9 - Na imagem da esquerda e na central temos o estacionamento dos produtores em dia de feira normal. Na terceira e última imagem à direita temos o mesmo espaço em dia de Feirão Anual de Economia Solidária.

Fonte: arquivo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”; fotos capturadas pela pesquisadora Daniele Cielo



Figura 10 - Ambas as imagens são do mesmo pavilhão, de Convivência e Lazer. A primeira superior a esquerda em dia de feira comum. A central superior e a da esquerda superior são em dias de Feirão Anual de Economia Solidária em 2015 e 2016, respectivamente. As três imagens inferiores são da Feira da Biodiversidade de 2015. Feira que acontece em paralelo ao Feirão Colonial, normalmente no mês de maio.

Fonte: arquivo da pesquisa “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”; fotos capturadas pela pesquisadora Daniele Cielo

Considerações Finais

Assim, percebemos que a incorporação da fotografia em nossas etnografias possibilitou, além do auxílio na compreensão daquele mundo do trabalho, seu tempo e espaço, interação e aproximação com o grupo pesquisado. Foi, igualmente, fonte inesgotável de reflexões no interior da pesquisa. A visualização, via acervo, de que o espaço vivido no Feirão Colonial se transforma conforme a necessidade e demanda das atividades dos participantes do projeto também foi algo muito especial. Ou seja, pode-se, por meio do registro fotográfico, observar a agência dos feirantes, suas estratégias e táticas de sobrevivência e também o quanto há uma economia paralela, que

está além das trocas monetárias. Está também nas trocas simbólicas possibilitadas pelas feiras e suas dinâmicas interativas.

A feira que ocorre todo sábado no Centro de Referência em Economia Solidária preenche o espaço com “fazeres”, cores, sons, práticas e saberes diversos. No entanto, sempre que o espaço recebe outro evento paralelo, transforma-se. Essa “maleabilidade” do espaço e das relações estabelecidas nesse ambiente ficaram evidentes ao longo da pesquisa e, de certa forma, foi o que contribuiu para a percepção de que a intensa sociabilidade do local é o que permite a circulação de interesses diversos que findam por se ali reorganizarem continuamente. Muitas relações sociais aí circulavam e se refazem cotidianamente.

Em suma, o fotografar foi uma técnica que num primeiro momento nos possibilitou maior contato com o público pesquisado no decorrer das etnografias vividas nesse espaço e em um segundo momento nos possibilitou elaborar diversas análises das transformações ocorridas. E, finalmente, em um terceiro momento, possibilitou vislumbrarmos novos caminhos para pesquisas fotoetnográficas no Feirão Colonial, rever metodologias, refletir acerca do processo de construção de narrativas possíveis sobre o outro e sobre nós mesmas também. E com memórias, muita reflexividade e ética, o que para nós, foi o maior ganho da pesquisa.

Referências

- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1998.
- GODOLPHIM, N. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

FREIRE, M. Gregory Bateson, Margaret Mead e o caráter balinês. Notas sobre os procedimentos de observação fotográfica em Balinese Character. **Alceu**, Rio de Janeiro - v.7 - n.13 - p. 60 a 72 - jul./dez. 2006

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Col. Os pensadores).

MARTINS, J. de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, S. S. de; DUTRA, M. R. P. (Org.); ZANINI, M. C. C. (Org.). **Somos todas mulheres iguais! Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato**. São Leopoldo: Oikos, 2015. v. 1. 118p.

OLIVEIRA, S. “**Pegando feira**”: trocas, reciprocidade e mercado no Feirão Colonial em Santa Maria, RS”. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. (Orientação: Professora Maria Catarina Chitolina Zanini).

PEREIRA, S. M. **Entre histórias, fotografias e objetos**: imigração italiana e memórias de mulheres. 2008, 279 fs. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2008. (Orientação: Professora Doutora Ângela de Castro Gomes).

SAMAIN, E. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

SAMAIN, E. Para que a Antropologia consiga tornar-se visual, com uma breve bibliografia seletiva. In: FAUSTO NETO, A.; BRAGA, J. L.; PORTO, S. D. (Orgs.). **Brasil**: Comunicação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

SAMAIN, E.; FELIZARDO, A. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.

SONTAG, S. **Ensaio sobre a fotografia**. São Paulo: Editora Ardor, 1977.

TEDESCO, J. C. Economia de circuitos curtos, da qualidade e dos territórios étnicos: uma análise da dinâmica produtiva e mercantil na Rota das Salamarias – Norte e Noroeste do RS. **Revista Extensão Rural**. Santa Maria: UFSM, v. 21, n. 3, set./dez. 2013.

VAZ SILVA, T. Etnografando mercados: trabalho, sociabilidade e lazer no Ver-o-Peso. **Somanlu**, ano 11, n. 1, 2011.

VEDANA, V. **Fazer a Feira**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira-Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004, 251 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2004. (Orientação: Professora Doutora Cornelia Eckert).

ZANINI, M. C.C. **Mercados, campesinato e cidades: abordagens possíveis.** São Leopoldo: Oikos, 2015. v. 1. 219p .

ZANINI, M.C.C.; FROELICH, P. Etnicidade na feira: a comida como interlocução. In: MENASCHE, R. (Org.). **Saberes e sabores da Colônia.** Porto Alegre: EDUFRGS, 2015, v. 1, p. 103-114.